

# A TRADUÇÃO INTRALINGUAL E O DITIRAMBO: A QUESTÃO DOS GÊNEROS LITERÁRIOS NA REPÚBLICA DE PLATÃO

Celina Figueiredo Lage\*

## RESUMO:

*Discorremos sobre um problema de tradução que está no centro da questão da teoria e da história dos gêneros literários na República de Platão, no passo onde Sócrates exemplifica o que seja a narrativa pura. Pretendemos, desse modo, ressaltar alguns aspectos ligados à teoria literária, a fim de problematizar as classificações e os esquemas apresentados no diálogo.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Platão, ditirambo, teoria literária, gêneros literários, mimesis.*

Ao discutir o tipo de poesia adequado para a educação dos guardiões da cidade, Sócrates passa a examinar o último aspecto do *lógos*, que é a *léxis*. No correr dos livros II e III, já foram examinados os gêneros (*eídeia*) do *lógos*, as coisas que devem ser ditas (*hã lektéon*), e agora resta examinar o modo como se deve dizer (*hos lektéon*).<sup>1</sup> A *léxis*, bem entendido, é o ato de falar, a maneira de falar, o estilo, a elocução, a expressão, a dicção.<sup>2</sup>

Sócrates começa então definindo o que dizem os mitólogos e poetas:

392d - πάντα ὅσα ὑπὸ μυθολόγων ἢ ποιητῶν λέγεται διήγησι οὔσα τυγχάνει ἢ γεγονότων ἢ ὄντων ἢ μελλόντων  
tudo quanto é dito pelos prosadores ou poetas é uma narrativa de acontecimentos passados, presentes ou futuros.<sup>3</sup>

A *diégesis*, mais comumente traduzida por 'narrativa', seria a ação de expor em detalhe, narrar, descrever. Após aquela definição, são caracterizados os tipos de narrativa:

\* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Teoria da Literatura), 2000.

392d - Ἄρ' οὖν οὐχὶ ἤτοι ἀπλῆ διηγήσει ἢ διὰ μιμήσεω γιγνομένη ἢ δι' ἀμφοτέρων περαίνουσιν;

Porventura eles não a executam por meio de simples narrativa, através da mimese, ou por meio de ambas?

Sócrates exemplifica os tipos de narrativa utilizando como exemplo o começo da *Ilíada* (I, 12-42), quando o sacerdote Crises implora a Agamêmnon que lhe solte a filha. À princípio, o fator analisado diz respeito à situação de enunciação propriamente dita. A narrativa pura (*haplê diégesis*) ocorre quando o próprio poeta fala. A *mimesis* ocorre quando o poeta *tenta voltar nosso pensamento para outro lado, como se fosse outra pessoa que dissesse, e não ele*,<sup>4</sup> assemelhando na voz e na aparência sua *léxis* à da pessoa cuja fala anunciou. Por exemplo, o texto em questão comporta ambos os tipos de narrativa, pois Homero inicia em terceira pessoa, narrando como ele próprio, e logo passa ao discurso em primeira pessoa, mimetizando o sacerdote. A alternância entre blocos miméticos e diegéticos é bastante simétrica nesses versos da *Ilíada*, (5 dieg. + 4 mim. + 7 dieg. + 4 mim. + 6 dieg.), pois as falas do poeta são intercaladas entre os discursos dos personagens.

Platão pretende demonstrar a possibilidade de reescritura de um passo diegético-mimético em forma puramente diegética. Trata-se, como afirma Montanari, de traduzir Homero do grego para o grego (Montanari. Apud Spina, 1994: 173). Sócrates simula uma versão simples (*haplê*) desse mesmo trecho da *Ilíada*, através de uma paráfrase.<sup>5</sup>

393d - 394c - Εἶχε δ' ἄν ὧδε πω"· φράσω δὲ ἄνευ μέτρου· οὐ γάρ εἰμι ποιητικὸς"· Ἐλθὼν ὁ ἱερεὺς" ἤρχετο ἐκείνοι" μὲν τοῦ" θεοῦ" δοῦναι ἐλόντα" τὴν Τροίαν αὐτοῦ" σωθῆναι, τὴν δὲ θυγατέρα οἱ λῦσαι δεξαμένου" ἅποια καὶ τὸν θεὸν αἰδεσθέντα". Ταῦτα δὲ εἰπόντο" αὐτοῦ οἱ μὲν ἄλλοι ἐσέβοντο καὶ συνήνουν, ὁ δὲ Ἄγαμέμνον ἠγγράινεν ἐντελλόμενος" νῦν τε ἀπιέναι καὶ αὐθι" μὴ ἐλθεῖν, μὴ αὐτῷ τό τε σκῆπτρον καὶ τὰ τοῦ θεοῦ στέμματα οὐκ ἐπαρκέσοι· πρὶν δὲ λυθῆναι αὐτοῦ τὴν θυγατέρα, ἐν Ἄργει ἔφη γηράσειν μετὰ οὐ· ἀπιέναι δ' ἐκέλευεν καὶ μὴ ἐρεθίζειν, ἵνα σῶ" οἴκαδε ἔλθοι. Ὁ δὲ πρεσβύτης" ἀκούσας" ἔδαισέν τε καὶ ἀπήει σιγῆ· ἀποχωρήσας" δὲ ἐκ τοῦ στρατοπέδου πολλὰ τῷ Ἀπόλλωνι ἤρχετο, τά" τε ἐπωνυμῖα" τοῦ θεοῦ ἀνακαλῶν καὶ ὑπομιμνήσκων καὶ ἀπαιτῶν, εἴ τι πώποτε ἢ ἐν ναῶν οἰκοδομήσεσιν ἢ ἐν ἱερῶν θυσίαι" κεχαρισμένον δωρήσαιτο· ὧν δὴ χάριν κατηύχετο τεῖσαι τοῦ" Ἀχαιοῦ" τὰ ἄ δάκρυα τοῦ" ἐκείνου βέλεσιν. Οὕτω", ἦν δ' ἐγώ, ὦ ἑταῖρε, ἄνευ μιμήσεω" ἀπλῆ διήγηση" γίνεται.

Seria mais ou menos assim (exprimo-me sem metro porque não sou poeta): o sacerdote chegou e fez votos por que os deuses lhes concedessem conquistar Tróia e salvar-se, mas que lhe libertassem a filha mediante resgate, por temor aos deuses. A estas palavras, os outros respeitaram-no, e concordaram;

porém Agamêmnon, enfurecido, ordenou-lhe que se retirasse imediatamente e não voltasse, sob pena de de nada lhe valerem o ceptro e as bandas do deus. Antes de libertar a filha, havia de envelhecer em Argos, junto dele. E mandou-lhe que se retirasse, e não o excitasse, a fim de que pudesse regressar a casa a salvo. O ancião, ao ouvir estas palavras, teve receio e partiu em silêncio, e, afastando-se do acampamento, dirigiu muitas preces a Apolo, invocando os atributos do deus, recordando e pedindo retribuição, se jamais, ou construindo templos, ou sacrificando vítimas, lhe tinha feito oferendas do seu agrado. Como retribuição, pedia que os Aqueus pagassem as suas lágrimas com os dardos do deus. É assim, ó companheiro, que se faz uma narrativa simples sem imitação – conclui eu.

A narrativa é feita em terceira pessoa, incluindo os trechos miméticos, que são as duas falas do sacerdote e a fala de Agamêmnon. Sócrates adverte que a fará sem metro (*âneu métrou*), pois não é poeta. O resultado parece de fato prescindir de muitas das características próprias da poesia. A começar, pela ausência dos epítetos e gentílicos, tradicionais na poesia grega; a simplicidade da prosa, em contraposição à elevação do estilo homérico; a escassez de adjetivos; a objetividade do relato, que se detém apenas nos fatos principais; a falta de caracterização e descrição dos personagens, bem como dos espaços onde ocorrem as ações; ausência de vocativos e de invocações, o que é muito marcante se levarmos em conta que os primeiros versos da *Ilíada* iniciam com uma invocação à Musa, que não é incluída na paráfrase. É ainda importante observarmos que o trecho, apesar de ilustrar a narrativa pura, supõe vários níveis de *mimesis*: Platão, que mimetiza Sócrates, que mimetiza (ou, se quisermos, traduz) Homero.

Tudo isso levanta o seguinte problema: existiria de fato uma narrativa simples (ou pura) e poética? Se esta divisão refere-se exclusivamente à situação de enunciação poética, como afirma Genette (Genette In: Garrido, 1988: 191), por que Platão não citou algum outro gênero como exemplo da narrativa pura ou mesmo um outro trecho qualquer de Homero? Qual a necessidade de utilizar a tradução intralingual? Note-se ainda a imprecisão com que o trecho é introduzido, através de um imperfeito mais a partícula *ân*,<sup>6</sup> acrescidos ainda do advérbio *pós*.<sup>7</sup> Essa questão se complica ainda mais quando Sócrates relaciona os tipos de narrativa que definiu com alguns dos gêneros empíricos da poesia grega:

394c - ὅτι τῆ ποιήσεώ τε καὶ μυθολογία ἡ μὲν διὰ μιμήσεώ ὅλη ἐστίν, ὡσπερ σὺ λέγει, πραγῳδία τε καὶ κωμῳδία, ἡ δὲ δι' ἀπαγγελία αὐτοῦ τοῦ ποιητοῦ· εὐροὶ δ' ἂν αὐτὴν μάλιστα που ἐν διθυράμβοι. ἡ δ' αὖ δι' ἀμφοτέρων ἔν τε τῆ τῶν ἐπῶν ποιήσει, πολλαχοῦ δὲ καὶ ἄλλοθι

Em poesia e em prosa há uma léxis que é toda mimese, como tu dizes, a tragédia e a comédia; outra, narração do próprio poeta – podemos encontrá-la em algum lugar nos ditirambos; e outra ainda constituída por ambas, que se usa na composição da epopéia e em muitos outros e diferentes lugares.

No caso da *mimesis*, basta retirarmos do texto de Homero as partes em que o próprio poeta fala e restarão apenas as falas dos personagens, tal como acontece na tragédia e na comédia. A narrativa pura (*haplê diégesis*) se dá através da narração (*apangelia*) do próprio poeta, e seu exemplo é o ditirambo. A narrativa mista, como exemplificada acima, encontra-se na epopéia e em muitos outros lugares. Note-se a grande importância atribuída a Homero, que parece ser a base da dedução dos outros dois tipos de narrativa.

narrativa pura	narrativa mista	narrativa mimética
Versão <i>haplê</i> do começo da <i>Ilíada</i>	Começo da <i>Ilíada</i>	Diálogos da <i>Ilíada</i> , sem as falas do poeta
Em algum lugar nos ditirambos	Na epopéia e em muitos outros e diferentes lugares	Tragédia e comédia

Quadro 1 – Tipos de narrativa

A expressão *málista pou en dithyrambois* foi traduzida por Pereira por "de preferência, nos ditirambos". Contudo, ela contém a imprecisão do advérbio indeterminado (*pou*)<sup>8</sup>, que não deve ser desprezada, podendo também ser traduzida por "mais ou menos nos ditirambos", ou ainda "em algum lugar nos ditirambos". A imprecisão é acentuada ainda pelo uso do optativo *heurois* mais a partícula *án*.<sup>9</sup> Notemos que, enquanto os gêneros épico e dramático estão bem definidos (Quadro 1), o mesmo não acontece com a narrativa simples, aqui representada pelo ditirambo, gênero obscuro, de difícil definição. O que seja de fato essa narrativa pura não fica claro para nós, pois, dos exemplos dados, um é forjado (a versão *haplê* da *Ilíada*) e o outro por demais obscuro (o ditirambo). Além do mais, o aspecto narrativo não é um dos principais elementos do gênero lírico, que poderia talvez estar pressuposto na classificação da narrativa pura.

A mais famosa divisão que perdura com força até os nossos dias é aquela que divide os gêneros literários em três grandes grupos: o lírico, o épico e o dramático.<sup>10</sup> Segundo Genette, tal divisão é atribuída já há algum tempo a Platão e a Aristóteles, tendo raízes profundas em nossa consciência ou inconsciência literária.<sup>11</sup> Esse esquema está na base de toda a teoria dos gêneros desenvolvida no Ocidente, ainda que adaptada e reformulada. Contudo, não podemos afirmar que este modelo – a narrativa pura – corresponda de fato ao gênero lírico, pois não há elementos suficientes para tal.

De qualquer maneira, Platão está enfatizando aqui o caráter narrativo e não-mimético do ditirambo. Essas características parecem não estar supostas nos outros diálogos em que se faz referência ao gênero.<sup>12</sup> Interessamos, contudo, observar que, nas *Leis*, encontramos uma espécie de história dos gêneros poéticos, que considera o ditirambo uma forma poética antiga, da qual teria derivado o teatro.

*Leis* III, 700b-701a - Διηρημένη γὰρ δὴ τότε ἦν ἡμῖν ἡ μουσικὴ κατὰ εἶδη τε ἑαυτῇ ἄττα καὶ σχήματα, καὶ τι ἦν εἶδος ὠδῆς εὐχαὶ πρὸ θεοῦ, ὄνομα δὲ ὕμνοι ἐπεκαλοῦντο· καὶ τούτω δὴ τὸ ἐναντίον ἦν ὠδῆς ἕτερον εἶδος - θρήνου δέ τι ἂν αὐτοῦ μάλιστα ἐκάλεσεν - καὶ παίωνε ἕτερον, καὶ ἄλλο, Διονύσου γένεσι οἶμαι, διθυράμβο λεγόμενο. Νόμου τε αὐτὸ τοῦτο τοῦνομα ἐκάλου, ὠδὴν ὡς τινα ἕτεραν ἐπέλεγον δὲ κιθαρωδικού [...]. μετὰ δὲ ταῦτα, προϊόντο τοῦ χρόνου, ἄρχοντες μὲν τῆς ἀμούσου παρανομία ποιηταὶ ἐγίγνοντο φύσει μὲν ποιητικοί, ἀγνώμονε δὲ περὶ τὸ δίκαιον τῆς Μούσης καὶ τὸ νόμιμον, βακχεύοντες καὶ μᾶλλον τοῦ δέοντος κατεχόμενοι ὑφ' ἡδονῆς, κεραννύντες δὲ θρήνου τε ὕμνοι καὶ παίωνα διθυράμβοι, καὶ αὐλωδία δὴ ταῖς κιθαρωδία μιμούμενοι, καὶ πάντα εἰ πάντα συνάγοντες, μουσικῇ ἄκοντες ὑπ' ἀνοία [...]. ὅθεν δὴ τὰ θέατρα ἐξ ἀφώνων φωνήεντ' ἐγένοντο, ὡς ἐπαίοντα ἐν μούσαις τό τε καλὸν καὶ μῆ, καὶ ἀντὶ ἀριστοκρατία ἐν αὐτῇ θεατροκρατία τι πονηρὰ γέγονεν.

Naquele tempo, a música para nós era dividida em gêneros e modos definidos. Havia cantos que se chamavam hinos, sob a forma de preces dirigidas aos deuses; em oposição a esses, tínhamos a modalidade denominada treno, e mais os peãs e também os chamados ditirambos, porque celebravam, me parece, o nascimento de Dioniso. Dava-se precisamente o nome de leis, ou nomos, a uma outra espécie de ditirambo, com a designação genérica de citarédica. (...) Com o correr do tempo, assumiram os poetas o papel de juizes nas transgressões das regras musicais, todos eles, sem dúvida, naturalmente bem dotados, porém jejunos da justiça e do direito das Musas; tomados pelo frenesi bacântico mais do que fora admissível e atolados nos prazeres, misturaram trenos com hinos, peãs com ditirambos, imitaram a flauta na cítara e reduziram tudo a tudo, caluniando inconscientemente a música, por pura ignorância (...) Como conseqüência disso, os teatros, até então mudos, levantaram a voz, como se conhecessem o que é belo ou feio em matéria de música, passando a ocupar o lugar da aristocracia a pior teatrocracia. (trad. de Carlos Alberto Nunes)

Poderíamos supor que o tipo intermediário de poesia, cuja característica é a mistura de vários gêneros poéticos, equivaleria ao que se encontra em Homero e em outros poetas. No livro X da *República*, Sócrates afirma ser Homero o primeiro dos tragediógrafos, o que indica que considera o teatro uma derivação da epopéia. Confrontando a "história" das *Leis* com os modelos presentes na *República*, somos levados a pensar que:

1. O ditirambo poderia representar, na concepção de Platão, um estágio inicial da poesia antiga, sendo um gênero puro e sem mistura. Estaria agrupado junto à hímica, aos trenos e aos nomos. Seu aspecto divino e inspirado poderia fazer dele um exemplo do *lógos* simples e verdadeiro, e também da poesia inspirada. Note-se que, na primeira cidade, os habitantes cantam hinos aos deuses (*Rep.* 372b).
2. Homero e outros poetas representariam uma forma poética intermediária, mista, derivada dos hinos e ditirambos. Sua principal característica é a variedade e o excesso, cultivados por ignorância. Prima por misturar a narrativa pura e a mimética, e por mesclar características diversas.
3. O teatro, mais propriamente a tragédia, derivaria de Homero. Não tendo nada em comum com o modo de representação do ditirambo, ele representa o *lógos* mimético, seu extremo oposto.

Podemos levar ainda em consideração o testemunho de Aristóteles, na *Poética*, que afirma a tragédia ser derivada do ditirambo. Com efeito, Aristóteles caracteriza a tragédia, em sua fase inicial, como nascida de um princípio improvisado; de elocução grotesca (*léxis gélouia*) e satírica; mais afim à dança, o que incluía uma grande importância do coro; e, por fim, como gênero monológico. Fala ainda da substituição do tetrâmetro trocaico pelo trímetro jâmbico, metro mais adequado para o diálogo, por aproximar-se mais da fala cotidiana. Entretanto, apesar do testemunho de Aristóteles, que confirma em parte o de Platão, não se pode afirmar que o ditirambo carecesse de *mimesis*:

por mais que o ditirambo narrativo não mimético de caráter literário tenha ocupado o lugar de honra no séc. V, é bem claro que diversos rituais religiosos, mais os textos de Arquíloco, Eurípedes e Aristófanes, faziam

bem conhecida a existência de um ditirambo plenamente dionisíaco, de caráter dialogado e mimético (...). E existiam logo entre ambas influências que se entrecruzavam. (Adrados, 1983: 49)

O certo é que, seja como for o ditirambo, Platão e Aristóteles enfatizaram seu caráter narrativo em detrimento do mimético. Contudo, pela imprecisão com que o ditirambo é apresentado na *República*, tendemos a formular algumas hipóteses: ou Platão está-se referindo simplesmente ao tipo de situação de enunciação, e foi infeliz na escolha do exemplo, pois poderia ter citado qualquer outro gênero (hinos, peãs, leis, nomos, etc.); ou Platão está se referindo àquele *lógos* simples e verdadeiro (*haplós kai alethés*), o *lógos* divino, que não encontra paralelo nos gêneros empíricos da poética grega. De acordo com esta segunda hipótese, a narrativa pura não diz respeito apenas à enunciação poética, mas à natureza mesma do *lógos*, que confunde forma e conteúdo. Se aceitarmos esta última hipótese, a narrativa pura nada mais é que um gênero teórico, e o ditirambo um gênero muito antigo e propício às mais variadas idealizações. Nesse caso, ele representaria o princípio (*arkhé*) da narrativa, tanto em seu aspecto histórico, tanto em seu aspecto ontológico. Uma interpretação extrema para a utilização do ditirambo como exemplo da narrativa simples seria, ainda, entendermos isso como uma ironia, pois pode parecer demasiado absurdo que logo o hino a Dioniso, deus do teatro, venha a ser o exemplo da poesia não-mimética.

#### NOTAS

1. Cf. *Rep.* 392c.
2. Havelock salienta que, à medida que a argumentação avança, a *léxis* passa a abarcar a estrutura verbal, rítmica e figurativa do poeta. (Cf. Havelock, 1996: 37)
3. As traduções da *República* aqui apresentadas são de autoria de Maria Helena da Rocha Pereira, com algumas modificações.
4. Cf. *Rep.* 393a.
5. Note-se ainda que nos passos 392e e 393d, enquanto Sócrates explica os critérios de definição da narrativa pura e da narrativa mimética, ocorrem também duas paráfrases do mesmo trecho da *Ilíada* em narrativa pura, só que de maneira muito sintética (Cf. Montanari. Apud Spina, op. cit: 173 passim).
6. A partícula *ân* mais o verbo no imperfeito apresenta uma ação como não realizada, como irreal.

7. O advérbio *pōs* significa de qualquer maneira, de qualquer modo, etc., com um sentido predominante de atenuação.
8. O advérbio indefinido *poū* pode significar em alguma parte, de qualquer maneira, talvez, provavelmente, por acaso; com o sentido sempre marcado pela indeterminação.
9. O uso do optativo mais a partícula *ān*, caracteriza uma frase do tipo potencial (possibilidade desejada)
10. A tripartição genérica em lírica, épica e drama parece ser sugerida em alguns passos (cf. *Rep.* 379a, 607a). Como veremos, a narrativa pura parece não estar se referindo à lírica, mesmo porque ao tratar do *mēlos*, no passo 398d, Sócrates sugere uma grande divisão entre poesia cantada, que seria a lírica, e poesia não cantada, que seria a épica e o drama. Segundo ele, devem-se aplicar os mesmos modelos, utilizados na análise da épica e do drama, na lírica. Nesse sentido, deve-se pensar que também a poesia cantada divide-se em narrativa pura, narrativa mimética e narrativa mista.
11. Genette acredita que essa divisão tradicional dos gêneros remonta, de fato, ao romantismo (Cf. Genette. In: Garrido, op. cit.: 183-184).
12. Cf. *Hippias Maior* (292c), *Hippias Menor* (368d), *Íon* (534c), *Crátilo* (409b), *Fedro* (238d, 241e), *Górgias* (501e, 502a), *Apologia* (22b) e *Leis III* (700b).
13. Nos passos 595c e 607a Homero é considerado *o primeiro dos tragediógrafos*, o que faz com que algumas vezes ele seja julgado juntamente com a tragédia. No passo 598d, Homero é chamado de *corifeu da tragédia*.
14. Cf. ARISTÓTELES. *Poética*, 1449a.

## ABSTRACT:

*The aim of this article is to discourse upon a problem of translation which is a central question to the theory and history of literary genres in Plato's Republic, in the passage in which Socrates exemplifies the meaning of the pure narrative. Thus, the intention is to bring out some aspects concerning the literary theory, in order to question the classification and schemes presented in that dialog.*

KEY WORDS: *Plato, dithyramb, literary theory, literary genres, mimesis.*



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADRADOS, Francisco Rodríguez. *Fiesta, comedia e tragedia*. Madrid: Alianza Editorial, 1983.
- GENETTE, G. Gêneros, "tipos", modos. In: GARRIDO Gallardo, M. A. *Teoria de los gêneros literarios*. Madrid: Arco, 1988, p. 183-233.
- HAVELOCK, Eric. *Prefácio a Platão*. Trad. Enid Abreu Dobrânzsky. Campinas: Papyrus, 1996.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Trad., introdução e comentários de Mary de Camargos Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Teogonia. A origem dos deuses*. Edição revisada e acrescida do original grego. Estudo e trad. de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. em versos de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, [19??].
- LAGE, Celina F. *Teoria e crítica literária na República de Platão*. 2000. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Faculdade de Letras/UFMG, Belo Horizonte.
- PLATÃO. *Diálogos. Leis e Epinomis*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1980.
- \_\_\_\_\_. *República*. Introdução, trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- PLATON. *La République*. Texte établi et traduit par Emile Chambry. 3 vol. Paris: Les Belles Lettres, 1947.
- SPINA, Luigi. Platone 'traduttore' di Omero. In: *Eikasmos*. v. V, p.173-179, 1994.